

DE QUE SERIA FEITA A AMÉRICA: o ser, a existência, sistemas de significação e simulacro.

Cosme Oliveira Moura Jr.

Mestrando Ciências Sociais-UFMA

**Resumo**

Este trabalho discute sobre algumas interpretações historiográficas do descobrimento da América 1492, por meio de análises semiológico-discursivas. Desta maneira, foram analisados os discursos de Cristóvão Colombo, Bartolomeu de Las Casas, Fernando Colombo, Gorman, Oviedo e Todorov. Feita uma problematização acerca do que seria o fato histórico 1492, definimos este como o fruto de invenções e hibridização de sistemas de significação, que o tornam em um grande fato histórico polissêmico.

Palavras-chave: sistemas de significação, análise de discurso, invenção, simulacro, fato histórico, discurso.

**Abstract**

This paper discusses about some historiographic interpretations of the discovery of America (1492), through the semiological and discursive analysis. So it was analyzed the Cristovan Colombo's, Bartolomeu de las Casas', Fernando Colombo's, Gorman's, Oviedo's and Todorov's discourse. It was made a problematization about what would be the 1492 historical fact, we defined this as the fruit of inventions and hybridization of signification systems, which turn it into a great historical polissemic fact (invention or simulacrum).

Keywords: signification systems, discursive analysis, invention, simulacrum, historical fact, discourse.

Cipango é uma ilha a leste em alto-mar, muito grande. Tem mil e quinhentas milhas de extensão. Seus habitantes são brancos, bem apessoados e educados, idólatras e independentes. A ilha não está sob domínio de ninguém; é autogovernada. Aí se encontra ouro. Como não é permitido a ninguém, nem mesmo aos pescadores, levá-lo para fora da ilha, eles possuem um depósito enorme desse metal [...]. O palácio do senhor da ilha é muito grande e todo coberto de ouro, tal como as cobertas de chumbo

das igrejas do ocidente. Todos os vãos das salas são preenchidos de ouro, bem como as paredes, o chão e as janelas. Não se pode avaliar essa fortuna! (POLO, 2000, p. 102)

O que seria o evento de 1492? Seria uma farsa, uma invenção ou uma injustiça? Muitos defendem que o 1492 seria um descobrimento por excelência, a abertura de novos horizontes para o mundo europeu, outros negam essas concepções, considerando-as invenções históricas. Neste pequeno artigo tentaremos levantar questões sob o “descobrimento da América”, considerando várias versões interpretativas que compreendem: Las Casas, Fernando Colombo, Oviedo, Edmundo Gorman e Todorov. Através da problematização entre as versões acerca do 1492 tentamos nos aproximar do sistema de significação presente nesta questão. Desta forma, demonstraremos uma tendência do que seria o *Ser* (significado) do 1492. Por fim, deixamos arquitetado um conjunto teórico e conceitual que contribui para se pensar de que seria feita a América.

Inicialmente, achamos importante questionar de que seria feita a História. Sob nosso ponto de vista a História é formada de um conjunto de: invenções, mitos, verdades, versões, erros, etc. HOBBSAWN (1984) em seu livro a Invenção da Tradição, faz nos entender como se desenrola um processo de invenção histórica, em que realidade e ficção, presente e passado, tradição e inovação se confundem e re-significam um evento. Desta forma, elementos como o Kilt e a Gaita de Fole símbolos que datam o início do século XIX, nos são apresentados como elementos milenares da identidade cultural escocesa. HOBBSAWN (1984) destaca que o papel do historiador é exatamente observar tais construções e decifrar os significados escondidos na trama histórica.

A propósito, deve-se um interesse específico que as “tradições inventadas” podem ter, de um modo ou de outro, para os estudiosos da história moderna e contemporânea. Elas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a “nação”, e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas e daí por diante. (HOBBSAWN, 1984 p. 22)

Outro esclarecimento que se faz importante, é que ao se analisar uma interpretação de um evento histórico-social temos que ter em mente o seguinte: quem fala? De onde se fala? Para quem se fala? Esta estratégia teórica é de suma relevância para análises de discursos, tanto históricos como sociais.(BOURDIEU, 1989).

Então, feito este esclarecimento teórico inicial, podemos agora adentrar no tema deste ensaio: De que seria feita a América?

Os vários 1492's foram e são objetos de controvérsias interpretativas e ideológicas até hoje, sendo por isso um tema de grandes debates contemporâneos na historiografia americana. Por isto DUSSEL (1993) refere-se ao 1492 como um evento diacrônico que transcende ao seu momento histórico. Aqui, faremos inicialmente destaque às três principais interpretações da época de Colombo, a de Oviedo, Las Casas, F. Colombo.

Em suas interpretações Oviedo considera que Colombo tinha total consciência de ter descoberto novas terras, pois, teria conhecido a *lenda do piloto anônimo* a qual lhe proporcionou consciência de novas terras. Las Casas, defendia que Colombo descobrira a América devido a providência divina. Fernando Colombo (filho de Colombo) advoga com muito fervor o feito do descobrimento a Colombo, revelando que tal façanha seria o produto da genialidade e sabedoria de Colombo. Fernando Colombo justifica que Colombo estava ciente de ter descoberto novas terras, assim, a denominação de *Índia* às novas terras era apenas uma estratégia da genialidade de Colombo para atrair patrocínio à sua empresa.

Além destas interpretações existem muitas outras, que em essência encaixam-se em ideologias e pontos de vista do intérprete. Com isso, tais interpretações dialogam com as ferramentas interpretativas do presente, hibridizando-as com um referente no passado. Desta maneira, podemos parafrasear MARX<sup>1</sup>, os interpretes fazem a história mas, não a fazem como querem, como a história foi *ipse liters*, mas sim sob as circunstâncias significacionais que lhes são dadas pelo presente.

Feita esta explanação anterior sob as interpretações, questionamos o seguinte: será que as interpretações são condizentes com o sistema simbólico significativo do evento? Será que Colombo realmente foi o construtor do significado América? Será que as interpretações foram falsificações?

Para responder tais questões, faz-se necessária a exposição do evento a partir das possíveis mentalidades e crenças de Colombo. Este homem era extremamente ambicioso, conhecedor do mar, ganancioso e religioso, era um apaixonado pelas leituras de Marco Pólo (il Milione) e pelos clássicos greco-romanos que se referiam ao tamanho da terra. Em épocas de metalismo, leituras como a descrição das construções de ouro e grandes

---

<sup>1</sup> A paráfrase se refere ao trecho original da obra O 18 Brumário de Karl Marx: “os homens fazem sua própria história mais não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam legadas e transmitidas pelo passado” (1997, p.21).

depósitos de metais preciosos da ilha de Cipango seriam um colossal estimulante para o espírito aventureiro. Por meio de tais leituras, estudos e crenças, Colombo constrói uma hipótese apriorística: encontrar as terras à leste, a ilha de Cipango. Hipótese, esta, torna-se o grande sentido da vida e da viagem de Colombo (GORMAN, 1992).

Em 1492 Colombo atinge a terra, e assim confirma, ainda que a curso forçado, ter chegado a Cipango (ilhas asiáticas). Mas onde estaria o palácio de ouro? Os povos de pele branca? Apesar de muitas contradições, decepções e faltas de provas Colombo persiste em sua crença. Mesmo depois da segunda viagem, onde presenciou a “perversidade” dos índios que mataram uma tropa espanhola que havia ficado na primeira viagem (fato que contrariava a crença baseada em Marco Polo em povos *apessoados e bem educados*) o almirante insiste em sua crença. Na terceira viagem surgem mais controvérsias ao encontrar uma gigantesca baía de água doce, o que significaria que aquelas terras não seriam ilhas (*com mil e quinhentas milhas a leste*)<sup>2</sup>. Contrariando a “realidade” (construída *a posteriori*) e o palpável o almirante morre com sua crença, não conhecendo assim a tão consolidada América.

Contemporaneamente, surgem também, interpretações como a de TODOROV (1993), que considera o 1492 como produto da crença religiosa de Colombo. Segundo o autor, o almirante não foi estimulado pela ganância e pela riqueza a aventurar-se ao ocidente, mas pela necessidade de expandir a fé cristã. Podemos observar que o autor retoma aspectos das teses de Las Casas sobre a crença na providência divina. Fica claro, também, que a estratégia de prometer grandes riquezas para atrair interesses pelas terras, percorridas por TODOROV (1993), converge, em certos pontos, com interpretação a descrita por Fernando Colombo de chamar as novas terras de índias ou Cipango para atrair patrocínios. Destacamos que TODOROV (1993) não deixa clara a consciência ou não do descobrimento. Mas apesar disso, pode-se inferir que o autor defende que Colombo acreditava ter chegado em Cipango, pois, acaba afirmando que Colombo queria encontrar o grande Khan imperador da China.

---

<sup>2</sup> Trecho retirado da obra *Il Milione* de Marco Pólo.

Agora adentraremos em uma análise do ser da América tomando como base as explicações anteriores e recursos da semiologia de BARTHES (1964) para tentar argumentar acerca do significado da América.

Nas teses interpretativas do 1492 observa-se um deslocamento entre a “realidade” do evento (individualidades histórica) e sua explicação, de certa forma uma confusão anacrônica de sistemas de significação. Nas teses de Las Casas, F. Colombo e Oviedo são comuns os seguintes elementos de significação:

Referente: terras como uma realidade em si

Significado: o conceito e o ser América

Significante: as idéias materiais de América que mediam realidade em si e significado

Por outro lado, sob nossa concepção o sistema de significação que mais se aproxima da individualidade histórica (possíveis crenças e mentalidades de Colombo) do 1492 seria o seguinte:

Referente: terras como uma realidade em si

Significado: terras do oriente baseadas na hipótese apriorística de Colombo

Significante: as idéias materiais do Oriente que mediam a realidade em si e o significado

Como se percebe as interpretações pós-colombo deslocaram o significado do sistema de significação do evento 1492 em seu momento singular (mente de Colombo). Desta forma a partir das teses de Las Casas, Oviedo e F. Colombo, são criadas novas realidades baseadas em anacronismos (ideologias e crenças dos intérpretes) que transformam o sistema de significação em sistemas paralelos de significação, ou seja, a relação significado significante pluraliza-se ao infinito deslocando se do pretense evento real. Apesar disso, tais interpretações fundamentam-se como *simulacros*<sup>3</sup> criados historicamente.

---

<sup>3</sup> Entendemos simulacro como conteúdos que tentaram unificar sob uma única substância uma gleba infinita de representações, características e concepções de uma dada época. Os simulacros não são a verdade, mas representações ou mentalidades que perpassam a interpretação do mundo e tentam criar uma pretensa verdade que não existe enquanto matéria física, mas sim enquanto idealização (BAUDRILLARD, 1996).

O primeiro sistema de significação surge de uma síntese entre o conceito América, que não era sabido de Colombo e de um significante material que se refere à idéia abstrata da existência América. Tomando como base as crenças de Colombo este sistema de significação não condiz com sua mentalidade interpretativa. Destarte, um evento histórico deve ser analisado a partir de suas singularidades, pois todo evento possui uma significância para um dado sistema - simbólico, político, social, etc. (SAHLINS, 1990). Por isso, consideramos importante a reconstrução do sistema de significação ao qual o evento do descobrimento da América estaria mais coerentemente inserido (a mente de Colombo).

Nesta análise percebe-se que há um embate entre: o sistema de significação do Colombo e de seus intérpretes; e de certa forma Colombo e os 1492's são re-significados. Se pudéssemos voltar ao tempo de Colombo e falássemos em descoberta de novas terras, talvez, o almirante nos chamaria de loucos.

Ainda considerando o primeiro sistema de significação cairíamos no erro de achar que a América descobriu-se por si só, revelando-se a Colombo como América, pois ontologicamente já possuía em si seu próprio significado histórico. O objeto em si (terras) possuía sua existência independente, mas não a significância possível à interpretação de Colombo. O descobrimento consciente seria impossível, pois o sistema de significação presente em Colombo não o permitia pensar em novas terras (América). Ao nosso ver, Colombo, interpretava as novas terras como terras já existentes, ou seja, o oriente paradisíaco encontrado por Marco Pólo, ou as terras lendárias dos mitos greco-romanos e medievais. Foram estas crenças, que estimularam o almirante à aventura, à busca utópica de um paraíso terrestre: Cipango, Atlântida, ou mesmo o jardim do éden, mas nunca América.

O almirante era um devoto apaixonado pela sua hipótese *a priori*, assim não podia imaginar o inimaginável.

Para ratificar tal afirmação faremos uso dos recursos da psicanálise (LACAN, 1999) da seguinte forma: um objeto só tem consciência em si (significado) quando um observador consciente do significado do ser do objeto coloca-lhe em um espelho e diz: tu és isto. Desta relação, pressupõe-se um ser consciente do significado de algo, para que este algo se transforme no que ele é. Partindo de tais análises a América transforma-se no seu ser América, a partir do momento em que os observadores (intérpretes) tomaram consciência

do que seria o significado: a idéia de novas terras. E este observador consciente do significado não poderia ser Colombo.

Deste conjunto de análises podemos inferir que a problemática do 1492 é um evento que se transmuta em várias significações, não pensem em definir tais como falsificações, mas sim como *simulacros* (BAUDRILLARD, 1996). Estas significações são construções que ultrapassam o momento do evento histórico, assumindo, assim, várias máscaras de significação, variando entre o mito, realidade, injustiça, anacronismos, eurocentrismo, etc. Mas, mesmo assim não pedem seu valor histórico, pois são construções perpassadas por sistemas significativos historicamente localizados.

Deve-se ter em mente que este debate do que seria formado o ser América, transforma-se em um tema trans-histórico, que é revelado, re-significado e reelaborado a partir de várias versões interpretativas. E acima de tudo, este evento demonstra como a construção e a invenção fundamentam a historiografia, e assim libertam nossas mentes para a possibilidade da discussão dos sistemas de significação e formação de simulacros na construção da história.

Com base nestas reflexões consideramos que já estejamos aptos para responder de que seria feita a América. Percebe-se que a saga de 1492 transmuta-se em uma grande invenção cheia de anacrônismos, contradições, mitos, injustiças históricas, etc. Os tijolos de significação que formaram o ser do 1492 foram assentados por um processo de invenções que arquitetaram uma hibridação entre realidade e mito, significado e significante, presente e passado, que em muitos casos obscureceram o sentido desta singularidade histórica (o 1492), mas que se revelam como criatividades caleidoscópicas que amplificam um fato histórico em um amplo sistema de significações.

Destarte, sob nossa ótica a América seria uma palavra carregada de significados pós-colombos que no decorrer dos anos re-criaram tanto Colombo como o 1492. Esta palavra, um simples termo, que dá um significado a um objeto em si (terras), confunde e interpola de maneira sistemas de significação – Colombo e seus intérpretes- e assim são produzidas novas singularidades históricas em uma *individualidade histórica*<sup>4</sup> única.

Talvez, seja por tal motivo tão difícil para os historiadores conceituarem sobre “de que seria feita a América”, sem entrar em um mar de dúvidas e controvérsias. Com isso,

reafirmamos que o 1492, assim como defende GORMAN (1992), é constituído de invenções históricas que transitam entre o real e o irreal, entre anacrônismos, sincronia e diacronia. Portanto, afirmamos que o papel do historiador seja entender ressuscitando, ao máximo, os espíritos do passado (os sistemas de significação) no presente, e o presente nos espíritos do passado, de forma criativa e reflexiva, e não exorcizá-los das linhas da história considerando-os falsificação ou inverdade.

O passado e o presente, a mudança e a continuidade, o real e o mito, são faces ou partes do grande caleidoscópio que se chama História. Assim, a história é um produto de sistemas significacionais e/ou mentais que estão imbricados na mente dos interpretes dos “fatos históricos”, portanto os historiadores devem estar cientes que a produção historiográfica (no nosso caso acerca do 1492), foi, é e será sempre perpassada pelo que Ariès define como *não-consciente coletivo*.

Mas o que seria inconsciente coletivo? Sem dúvida seria melhor dizer não-consciente coletivo. Coletivo: comum a toda uma sociedade em determinado momento. Não-consciente: mal percebido, ou totalmente despercebido pelos contemporâneos, porque, é óbvio, faz parte dos dados imutáveis da natureza, idéias recebidas ou idéias no ar, lugares comuns, códigos de convivência e de moral, conformismos ou proibições, expressões admitidas, impostas ou excluídas dos sentimentos e dos fantasmas. Os historiadores falam em “estrutura mental” de visão de mundo, para deixar designar os traços coerentes e rigorosos de uma totalidade psíquica que se impõe aos contemporâneos sem que eles saibam. (ARIÈS, 1998, p.175)

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. As três ordens do simulacro. In: **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

---

<sup>4</sup> Corresponde ao que Weber chama de causalidades e fatores históricos únicos, nunca repetitivos que singularizam um evento.



TODOROV, Tzevetan. **A Conquista da América**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Sahlins, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1990.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

DUSSEL, Enrique. **O Encobrimento do Outro**. In: A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: Unesp, 1992

HOBBSAWM, E. & RANGER, Terence (Orgs.). **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984

LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. **O Paraíso Destruido**. Porto Alegre: L & PM, 1984.

LACAN, J. "O estádio do espelho como formador da função do eu." in **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

POLO, Marco. **Il Milione**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

MARX, Karl. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.